

## O PRESENTE FUTURO: UMA QUESTÃO SEMÂNTICO-DISCURSIVA

Ademar DA SILVA<sup>1</sup>

- RESUMO: Procedendo a um estudo textual e discursivo do verbo, demonstramos como o *presente futuro* se realiza na construção do texto falado no português brasileiro, verificando seus valores temporais e modais, como também seu contexto de ocorrência. Destacamos que o caráter prospectivo do *presente do indicativo*, marcado pela *relevância do presente do falante*, desencadeia-se a partir da interação entre o valor semântico do radical verbal, a flexão, a situação discursiva e o marcador temporal.
- PALAVRAS-CHAVE: Tempo verbal; presente futuro; relevância do presente; forma futurizada; verbos de ação; processo e estado.

### Introdução

Ao tratar do presente do indicativo, a gramática tradicional destaca seus vários empregos (Cunha & Cintra, 1985, p.436):

- (1) O céu **está** limpo;
- (2) A terra **gira** em torno do próprio eixo;
- (3) **Como** pouquíssimo;
- (4) Cabral **descobre** o Brasil;
- (5) Eu **termino** daqui a pouco.

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP.

Nos exemplos citados, além de um fato que ocorre no momento da fala (1), o presente é utilizado para enunciar ações e estados permanentes – *presente durativo ou gnômico* (2). Em (3), expressa uma ação habitual – *presente habitual ou freqüentativo*. Enquanto, em (4), é usado para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado – *presente histórico ou narrativo*; em (5), marca um fato futuro – *presente futuro*.

Observando essas diversas funções do presente do indicativo, nota-se a irrelevância da flexão temporal, ou seja, a expressão de tempo não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical, mas também pela combinação de outros elementos lingüísticos. Por exemplo, em (5), a expressão de proximidade futura é assinalada pela locução adverbial **daqui a pouco**. Os adjuntos adverbiais de tempo possuem papel fundamental nesse processo.<sup>2</sup>

Além disso, considerando-se a centralidade do verbo e as relações sintático-semânticas que mantém com os demais elementos da estrutura frasal, **terminar**, verbo de ação,<sup>3</sup> em (5), parece ter função nesse contexto.

Tendo em vista a noção de *relevância do presente do falante* e a possível existência de uma interação primária entre o valor semântico do radical mais a flexão temporal, a situação discursiva e os adjuntos adverbiais, investigaremos como tal composição desencadeia o uso do **presente futuro** na construção do texto<sup>4</sup> falado em língua portuguesa, verificando seu comportamento e seus valores *temporais* e *modais*.

Nossa argumentação se fundamentará, sobretudo, nos resultados da análise das ocorrências dessa forma nos dados do português falado.

2 Quando se diz: *comprei um carro ontem* existe uma relação entre o morfema temporal pretérito e o significado passado do advérbio. Tanto é verdade que *\*comprei um carro amanhã* é agramatical, porque *amanhã*, significando posterioridade, viola tal correspondência.

3 Para Chafe (1979, p.98), o verbo de **ação** expressa o que o sujeito faz. Este é o agente (A) da ação verbal, o elemento instigador que desencadeia a dinâmica da frase. Ex: *Ela só pula corda*. Nos de **processo**, o sujeito, paciente (P) ou experimentador, é afetado por algo que está fora dele, sofrendo mudança de estado ou condição. Ex: *A rosa murchou*. Os de **estado** expressam que um nome, paciente (P), encontra-se num determinado estado. Ex: *O lago está seco* (cf. também Borba et al., 1985; Lima, 1985).

4 Texto aqui é uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão, audição ou tato), tomada pelos usuários da língua, em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchimento de uma função/intenção comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão (Travaglia, 1991, p.22, cf. também Fávero & Koch, 1983).

Tal *corpus*<sup>5</sup> foi obtido em aproximadamente seis horas e meia de gravações. Não houve preocupação com quantidade e tampouco com a distribuição em grupos etários, sexo, origem e escolaridade, visto que nossa análise seria de base qualitativa. Consta de:

onze conversações telefônicas, realizadas sem que as participantes soubessem da gravação

(1) **participantes** – B e V, duas amigas com nível universitário, na faixa dos 30 anos.

(2) a (11) **participantes** – N, dona de casa com nível primário, paulista, na faixa dos 50 anos, interage informalmente com amigas, I e D, sua tia, T; todas na mesma faixa etária, nível e procedência, e também com sua filha, R, na faixa dos 20, escolaridade secundária;

cinco entrevistas (DID) – diálogos entre informante e documentador

(1) **Situação e participantes** – diálogo interativo entre M, cartomante, com nível primário, na faixa dos 50, que não sabia da gravação, e um consulente/ documentador, E, doutorando em Química, paulista, na faixa dos 30.

(2) **Situação e participantes** – diálogo interativo entre uma taróloga, I, com nível universitário, na faixa dos 30, que sabia da gravação, e um consulente/documentador, A, professor universitário paulista, na faixa dos 40.

(3) **Situação e participantes** – entrevista em que, F, estudante de Farmácia, 23 anos, que sabia da gravação, atuou como informante e, M, documentador, estudante de Letras, na faixa dos 20.

(4) **Situação e participantes** – trecho de entrevista jornalística para a televisão em que um dos participantes, X, advogado, faixa dos 40, relata ao repórter, Y, o que ocorreu no trânsito.

(5) **Situação e participantes** – o jornalista Roberto D'Avila entrevista o presidente da República Fernando Henrique Cardoso para o programa de TV Conexão Nacional (TV Bandeirantes). Gravação e transcrição dos últimos dez minutos, nos quais o presidente responde sobre assuntos pessoais;

---

<sup>5</sup> Excetuando-se duas EF's do Projeto NURC-SP, as demais transcrições do *corpus* encontram-se no apêndice da tese de doutoramento de: DA SILVA, A. **A expressão da futuridade na Língua Falada**. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

três elocuções formais (EF)

(1) **Situação** – programa de televisão sobre Culinária (*TV MULHER*), em que V, apresentadora e cozinheira, na faixa dos 60, demonstra como fazer um prato.

(2) e (3) são do Projeto NURC-SP<sup>6</sup> – **Situação** – duas aulas. **Participantes** – Inq. 405, p.48-57 – mulher de 36 anos, professora secundária, paulistana. Inq. 338, p.34-47 – homem de 31 anos, professor universitário, paulistano;

um diálogo interativo entre duas donas de casa (D2)

**Situação** – gravação feita pelo documentador (L3), no portão da casa de uma das falantes (L1), sem que soubessem da gravação.

**Participantes** – L1, 28 anos, primeiro grau incompleto (5ª série), L2, 30 anos, ginásio completo e L3, faixa dos 30, nível universitário, 3º ano de Letras;

uma interação entre vários falantes

**Situação e participantes** – programa de televisão (*First Class* – SBT), em que um apresentador e mais dois participantes fixos discutem, informalmente, com um convidado especial, os mais diversos tópicos. A flexibilidade na condução dos vários temas e a dinâmica da interação dão ao programa um tom informal de bate-papo em sala de visitas.

## Tempo e Linguagem – Tempo Verbal

*Tempo na linguagem* pode ser um construto mental representado por uma linha imaginária que se orienta da esquerda (passado) para a direita<sup>7</sup> (futuro), tendo vários pontos de orientação (temporais) no seu decorrer: **MF** – *momento da fala* (o tempo da enunciação – o “agora” do falante), **ME** – *momento do evento* (o estado de coisas a que o enunciado

6 CASTILHO, A. T., PRETI, D. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Elocuções Formais. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1986. v.1.

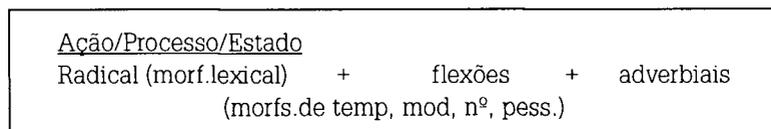
7 Reconhecemos que tal proposta reflete adesão à linearidade do tempo, podendo este se orientar em qualquer direção, ou seja, em vez de horizontal, ser vertical ou até mesmo circular, pois há culturas em que tal noção é cíclica (línguas aborígenes australianas). No entanto, com Comrie (1985), achamos ser esta, ainda, a representação mais adequada para análise das expressões temporais em línguas naturais.

se refere) e **PR** – *ponto de referência* (um tempo mais abstrato, um ponto de vista temporal relevante para a contemplação do evento e a partir do qual se define simultaneidade, anterioridade e posterioridade ao MF) (cf. Reichenbach, 1947; Ilari, 1981; Fleischman, 1982; Coróa, 1985).

Reichenbach (1947) instituiu a noção de tempos verbais *absolutos* e *relativos*, em que os primeiros se constituem a partir da relação direta do ME com o MF e os segundos, a partir da relação indireta, ou seja, situam o ME em relação ao PR, podendo ser este anterior, simultâneo ou posterior ao MF.

A partir dessas relações, para Fleischman (1982, p.10), “*tempo verbal* (doravante *t. vb*) é uma categoria dêitica da gramática, marcada formalmente por um afixo, partícula ou auxiliar, cuja função principal é indicar uma seqüência de eventos em relação direta ou indireta com um ponto zero, que é o MF”.

No entanto, a irrelevância da flexão de tempo, abordada antes, leva-nos a postular que a expressão temporal se realiza composicionalmente, ou seja, além dos morfológicos e sintáticos, elementos semânticos contribuem para sua realização. O *t. vb*, como forma da língua, compõe-se de um morfema lexical (radical), que pode denotar *ação, processo e estado*,<sup>8</sup> mais morfemas de flexão (tempo, modo, número, pessoa). Todo esse conjunto pode vir acompanhado de adverbiais, constituindo-se o que consideramos *t. vb*:



## A Relevância do Presente

Para Weinrich (1964), o presente é o tempo básico (zero), sem perspectivas, do mundo comentado.<sup>9</sup> Nas manchetes jornalísticas, com

<sup>8</sup> Cf. nota 3.

<sup>9</sup> Para Weinrich (1964), **mundos** é o possível conteúdo de uma comunicação linguística. As várias situações comunicativas se dividem em dois grupos: comentários e narrações, nos quais predomina um dos grupos temporais: o do presente ou o do pretérito (tempos do mundo comentado e do narrado). Enquanto a narração é mais descompromissada, pois o passado já foi transformado, a atitude comunicativa comentadora é mais tensa. Nela o falante está comprometido com o seu discurso, porque comenta coisas que não só o afetam com também ao ouvinte.

muita frequência, é utilizado independentemente de o fato ser anterior, simultâneo ou posterior à sua enunciação. Por exemplo, em:

(6) *O primeiro ministro viaja para o exterior,*

a ação já pode ter ocorrido, estar ocorrendo ou estar para acontecer. A função desse enunciado é apenas chamar a atenção do leitor para a situação comunicativa comentadora, na qual se espera o seu envolvimento.

O fato de o presente zero do mundo comentado poder envolver tanto ações simultâneas, anteriores como posteriores, possibilita o seu uso em lugar do passado ou futuro e, quando utilizado como tal, carrega em si, de alguma forma, noções de retrospectão e prospecção. Traza consigo valores semânticos que, na maioria das vezes, dependem de um contexto para sua realização e pelo qual sua ambigüidade se desfaz (cf. o exemplo 5).

A questão parece residir na flexibilização do presente, ou seja, ter intrinsecamente na sua formação um pouco de passado e um pouco de futuro.

Ao averiguar a relação entre linguagem e pensamento, Guillaume (1929)<sup>10</sup> postula um presente psicogramatical, que, como operação da mente, é formado por parcelas de passado e de futuro (cf. Imbs, 1960, p.39). Com base nisso, Imbs (1960) procura dar conta dos traços aspectuais e temporais desse tempo, ou seja, demonstrar que tais valores correspondem a faixas dessa composição dual.

Como o presente expressa os valores do aspecto *inaccompli* (inacabado), Imbs (1960, p.22) categoriza-os em *momentâneos* e *não-momentâneos*. No *momentâneo* (perfectivo), o processo é único, não repetido, sem duração, tendo como variantes o aspecto *incoativo* (início de um evento: pôr-se a, estar para) e o *terminativo* (seu fim: acabar de, deixar de). No *não-momentâneo* (imperfectivo), a ação é repetida, durativa, compreendendo: o *aspecto iterativo* (repetição-freqüência/hábito) e o

---

10 Apud Binnick, 1991, p.197. Para Guillaume (1929), que postula um tempo subjetivo, interno, a relevância, na linguagem, não se encontra na linha do tempo, mas na direção seguida pela mente ao conceber suas imagens. Acredita que *t. vb.* aspecto e modo são facetas de um processo único de "cronogênese" – exercício mental na formação dessas imagens. Tal operação pode ser interceptada em qualquer ponto e produzir a imagem (*cronothesis*) elaborada até aquele momento. Segundo Binnick (1991), apesar de Guillaume ter sido um dos primeiros a apresentar um trabalho completo sobre fases na teoria de aspecto, um dos motivos pelos quais não teve seguidores fora do mundo francês deve-se ao alto grau de abstração de sua teoria e, conseqüentemente, dos termos por ele empregados.

*durativo*, que pode ser *cursivo* (indicando uma atividade sem limites, em que não há preocupações quanto ao seu início ou fim) e *progressivo* (explicitando gradação do processo). Para o autor, enquanto o *aspecto momentâneo* corresponde a uma faixa mais estreita do presente psicomatematico, o *não-momentâneo*, a uma mais larga. O mesmo se aplica ao *tempo*, ou seja, os valores do presente se correlacionam respectivamente com uma das faixas.

Dentre os fatores para definir o valor temporal do presente, Imbs (1960, p.26) afirma que é necessário determinar se o processo verbal está no tempo indiviso ou em uma de suas divisões.<sup>11</sup>

No *indiviso*, que compreende a faixa mais larga, está o presente intemporal, também chamado onitemporal. Nele se encontram os seguintes usos: o presente de hábitos e de estados permanentes, o gnômico e o descritivo.

No *diviso*, localizado na faixa mais estreita, estão as separações do presente, ou seja, o evento pode coincidir (presente atual), ser posterior (futuro) ou anterior (passado) ao MF. Essa noção é o que permite algumas variações no uso do presente, ou seja, a partir dela é possível evocar um futuro (próximo) ou um passado (recente), vistos em relação lógica ou psicológica com o presente.

O aspecto incoativo (estar para) e a expressão de futuridade relacionada psicologicamente ao presente são conceitos muito importantes na abordagem das formas *futurizadas*.<sup>12</sup> Com base nesse ponto de vista, para dar conta da forma "go-future" (no caso, o nosso *ir + infinitivo*) Fleischman (1982) propõe a noção aspectual – **relevância do presente** – que apresenta relação com o *agora* e o *não-agora*, ou seja, "um evento cronologicamente não-presente é visto como ligado psicologicamente ao tempo presente" (p.18) do falante.

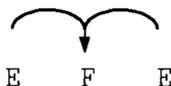
Tal relevância abrange tanto o presente prospectivo como o retrospectivo. No prospectivo, um evento futuro resulta de circunstâncias

---

11 Imbs (1960) propõe a noção tempo indiviso (não fragmentado) e diviso (dividido) em épocas para a localização dos processos verbais. O primeiro, como réplica do espaço inteiro, não comporta a cisão: passado, presente e futuro: "c'est un temps omnitemporel (ou panchronique), qui comprend toutes les époques du temps" (p.12). Já no segundo, contrastivamente, há separação, ou seja, sucessão de épocas, cada uma correspondendo a um desmembramento na linha temporal. O verbo expressa apenas as divisões maiores: presente, passado e futuro. As menores são representadas por substantivos: ano, dia, hora, minuto.

12 Para Binnick (1991), formas futurizadas são as que se utilizam do presente do indicativo, na forma simples ou em locuções, para expressar futuridade.

presentes; no retrospectivo, ocorrências passadas têm repercussões presentes (acabar de). Está implícito que o evento *não-agora* está, de alguma forma, ligado ao presente do falante:



A relação entre o agora e o não-agora do falante, de fato, existe, mas parece-nos mais temporal (cronológica) do que aspectual. Ela pode ser o princípio explicativo que se procura, por isso será utilizada como tempo que marca *relevância para o momento presente*.<sup>13</sup>

Ao propor o *presente posterior* (MF, PR – ME)<sup>14</sup> em oposição ao *futuro simples* (MF – PR, ME) como formas de futuro, Reichenbach (1947) explicita isso. No *presente posterior*, o fato de o futuro PR ser visto como resultado do *presente do falante* MF, talvez os faça coincidir. Esta parece ser a representação ideal para o PR nas *formas futurizadas* = MF, PR – ME, o que também reflete a distinção: *absoluto e relativo*. Enquanto o *futuro simples* é um *t. vb absoluto*, as formas futurizadas são *t. vb's futuros relativos* a um presente.

A possibilidade de evocar o futuro a partir do presente consta das noções: *presente posterior*, de Reichenbach (1947); *tempo diviso*, de Imbs (1960), *relevância do presente*, de Fleischman (1982), mas sua constituição não é de todo explicitada. Acreditamos que isso seja possível através da composicionalidade de vários elementos linguísticos, analisados a seguir.

## Análise dos dados

A partir do quadro teórico, apresentado antes, e nos concentrando na noção de relevância do presente e nas relações semânticas do verbo com os demais elementos da estrutura frasal, passaremos à análise dos dados.

13 Essa relevância se aproxima do *ponto de interesse do falante* (*the speaker's point of primary concern* – SPPC), de Close (1977, p.140).

14 – Separação por vírgula indica *simultaneidade* e por traço, *posterioridade* e *anterioridade*.

## A relevância do presente

Para Leech (1971), o presente do indicativo, como forma “marcada” de futuro, expressa futuridade como um *fato*, o que lhe dá o mesmo grau de certeza dos *t. vb's* presente ou passado, afastando a idéia geral de que é incerto.

Concordamos com o autor, mas achamos também que, como as perífrases, as ações futuras expressas por esse tempo dependem de fatos presentes, tidos como certos e avaliados e decididos no momento da fala. Para ilustrar, veja-se um trecho de [J]<sup>15</sup> Ao saber que o filho da cabeleireira não lhe dera o recado, muito brava, L1 reage:

- (7) L1 – uhn:... olha que fi/ da puta... *amanhã* ele me **paga** FALOU...  
que horas ela *vai chegar*? muito tarde?  
L2 – ai nem sei  
L1 – éh então *amanhã* cedo eu **ligo** pra ela... eu não liguei de dia  
porque cheguei de São Paulo agora  
L2 – ah está bom (*t 12-I*)

Nesse contexto discursivo comentador, tanto a ameaça: *amanhã ele me paga* como o recado: *então amanhã eu ligo pra ela* estão no presente do indicativo e expressam, além da certeza, a determinação de L1 de executar tais tarefas posteriormente. A decisão coincide com o momento da fala (MF, PR – ME), evidenciando o envolvimento do falante com o seu discurso.

No turno 270 de [B], finalizando a conversa, L1 retoma o *vamos ver*, já mencionado em 258:

- (8) L1 – (...) então *vamos ver quarta ou quinta* te **dou uma ligada**...  
e eu **vou** aí bater um papo com você (*t 270-B*)

Nos dois momentos, *vamos ver*, com valor modal de probabilidade, significa *quem sabe, talvez*. O verbo suporte **dar** e o pleno **ir**, no presente, expressando decisão tomada naquele momento, indica eventos possíveis de ocorrer, segundo a perspectiva de L1, nesta semana ainda: quarta ou quinta-feira. O mesmo se aplica a (9) e (10), a seguir:

- (9) L2 – aí eu disse “está bom *depois* eu **volto** a ligar:... o que *quando* ela **está** aí?” (*t 152-A*)

15 A integra de todos os excertos, a partir de (7), encontra-se no apêndice da Tese de Doutorado de DA SILVA, A., op. cit. Ressaltamos que (*t 12-I*) se refere ao *turno* 12 do documento [I], aplicando-se tal procedimento aos demais exemplos.

(10) L2 – eu **vou comprar** os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe **aviso**... está bom? (t 237-A)

A *ligação*, a *compra do tecido* e o *aviso* podem até não ocorrer, mas o que interessa é a visão subjetiva do falante sobre o evento, no momento da fala, contribuindo, assim, para o emprego do presente do indicativo em contextos futuros. Isso parece explicar sua ocorrência em todo o *corpus*.

O *presente do indicativo*, como tempo zero do mundo comentado de Weinrich (1964), evidencia, nessas conversações, o envolvimento<sup>16</sup> do falante com o seu discurso, o que torna a situação comunicativa mais tensa, exigindo dele certa postura e atitude. Ele discorre a respeito de coisas que não só o afetam diretamente como também ao ouvinte, exigindo dele tomada de posição.

## Presente do Indicativo + Conteúdo semântico do verbo

### Verbos de ação

Admitindo-se que as flexões temporais estão ligadas à tipologia: verbos de *ação*, *processo* e *estado*, nota-se que muitas das ocorrências do presente do indicativo, expressando futuridade no *corpus*, se realizam em orações com verbo de *ação*:

(11) L1 – “*vamos que eu te levo até lá em cima na... na quatro... depois você sobe a pé*” (t 32-E)

Os verbos *eu levo* (1ª pessoa) e *você sobe* (2ª), nesse contexto, expressam o que o agente da ação verbal – o sujeito – faz. Além disso, muitas delas estão na *primeira pessoa do singular*, como demonstram os exemplos:

(7) L1 – (...) então *amanhã cedo eu ligo* pra ela... (t 12-I)

(11) L1 – e a R falou “*vamos que eu te levo até lá em cima na... na quatro...*” (t 32-E)

(12) L1 – (...) está bem I... vamos ver essa semana... *amanhã eu vou* pra São Paulo (t 258-B)

(13) L3 – *eu vou ver se tem bem... um momentinho que já te falo já* (t 21-D)

<sup>16</sup> Sabemos que o *futuro do presente* também é mundo comentado. Para outros traços, que o distinguem das formas futurizadas, cf. DA SILVA, A., op. cit., nota 15.

- (14) L2 – aí eu falei "**pago** na outra terça-feira né? porque está muito... tem muita gente"... (t 57-E)

As formas verbais *ligar, levar, ir, falar e pagar* estão na primeira pessoa e expressam um fazer do sujeito, o que parece contribuir para a qualidade prospectiva dessa forma verbal. O valor semântico do radical (**ação**) mais a nuance modal de certeza<sup>17</sup> e as marcas de número e pessoa contidas no morfema do presente do indicativo lhe dão essa flexibilidade, ou seja, esse caráter prospectivo:

<u>ação</u>	<u>mod. tpo. nº. pes</u>
/ lig- /	/-o /
⇒	⇒

Em (7): *então amanhã cedo **eu ligo** pra ela*, o morfema */-o/* da primeira pessoa do singular do presente do indicativo liga-se ao radical, o morfema lexical, */lig-/* (**ação** ⇒), reforçando a idéia desse fazer por parte do sujeito. Sou **eu** e mais ninguém o agente da ação verbal, expressando a certeza da realização (futura) de uma decisão tomada no meu presente, daí o morfema */-o/* do presente do indicativo. O mesmo se aplica aos outros verbos.

Embora esteja implícito um movimento para diante na natureza semântica dessa forma verbal, o efeito de futuridade, nesse contexto, só se completa com os adjuntos adverbiais – *amanhã cedo* (7), *amanhã* (12), *já* (13), *outra terça-feira* (14) – que, de fato, situam, temporalmente, a realização da ação futura. Além disso, na ausência dos adverbiais, o marcador temporal se encontra, algumas vezes, no contexto,<sup>18</sup> como no caso de (11), em que o convite **vamos** reforça a noção de posterioridade de *eu te levo* ou na estrutura gramatical, como no caso das condicionais e temporais. Essas orações parecem ser o contexto ideal para a realização dessa forma, nas quais tal certeza adquire, muitas vezes, matiz

17 O modo indicativo liga-se a um estado de coisas reconhecido pelo falante como necessário e como tal pode ser certo ou obrigatório (cf. MATEUS, M. H. M et al., 1983).

18 O estudo quantitativo de Baleeiro (1988) confirma tal alegação. Nas 42 ocorrências do presente do indicativo expressando futuridade, a autora observou que, na quase totalidade dos casos, esse valor dependia da co-ocorrência de elementos gramaticais com conteúdo de futuro no contexto de realização do presente do indicativo.

de comprometimento e determinação, reforçando ainda mais seu valor prospectivo:

- (15) L1 – quarta ou quinta te *dou uma ligada...* se der **eu vou** ai bater um papo com você (t 270-B)
- (16) L1 – eh: vou ver se eu já tenho trocado **eu já te levo** (...) (...) deixa eu ir ver se ela está aí... que assim eu/eu... se ela estiver **eu provo...** e aí **eu já te dou** o seu dinheiro (t 48 e 66-E)

Apesar da contingência que expressa (*se der, se eu já tenho, se ela estiver*), a prótase condicionante parece ser o elemento desencadeador do comprometimento e determinação do falante, presente na condicionada. Vejam-se outros exemplos:

- (17) L2 – depois vou ver... se der tempo **eu passo** de lá... (t 40-G)
- (18) L1 – aí depois ai ó ó... se depender dela **eu caso** com o R. né? (t 204-O)
- (19) L2 – (...) não é porque não tenho argumentos... se houver argumentos melhores... **eu mudo...** (t 16-S)

O mesmo se aplica às temporais:

- (20) L2 – (...) assim que estiver pronto **eu lhe aviso** (t 246-A)
- (21) L1 – (...) assim que ele chegar **eu mando ele te ligar** (t 9 -H)

Parece existir relação semântico-pragmática entre a atitude avaliativa de certeza e comprometimento do falante incluída no presente do indicativo da condicionada e o conteúdo proposicional da subordinada. Em (19), o empenho na mudança depende dos argumentos que poderão surgir posteriormente. Já em (20), a determinação de avisar circunstancia-se ao término do trabalho.

Tal certeza e comprometimento continuam manifestos nos casos em que houve referência à segunda ou à terceira pessoa:

- (22) L2 – (...) os invejosos começam a achar que estou rindo... mas se for o momento de chorar... **você chora...** mas pra que transformar a vida num sacrifício? (t 20-S)
- (23) L2 – (...) se aquele baixinho for tirar ela ... **ela não dança** de jeito nenhum (...) se estiver de tênis **ela não dança...** se estiver de sandália **ela não dança** (t 105 e 129-C)
- (24) L1 – (...) mas você sabe se você for mexer com qualquer coisa... se nós não tiver os material **você não consegue nada** (t 49-M)

Os verbos de ação não ocorrem apenas na primeira pessoa, mas em todas. Entretanto, a preferência pela primeira procede, visto ser característica das ativas falar do fazer de um sujeito, que, por razões discursivas, na maioria das vezes, é o próprio locutor.

### **Verbos de processo**

Nossos dados mostram que, nas **processivas**, ou seja, em orações em que o sujeito é o paciente da ação verbal, os verbos tendem a estar na terceira pessoa:

- (7) L1 – uhn::... olha que fi/ da puta... *amanhã* ele me **paga** FALOU...  
(t 12-I)
- (25) L1 – (...) mas **passa já já** é só eu... respira::r ventilar um pouquinho  
(t 40-O)

Os verbos de processo manifestam um vir-a-ser por parte do sujeito, que, como paciente, é sempre afetado por algo fora dele, sofrendo mudança de estado ou condição. Em (25), *o mal-estar súbito* é o sujeito paciente da ação verbal **passar**, significando *sarar*. Em (7), *ele* (filho da cabeleireira) é o sujeito experimentador de **pagar**, que quer dizer *sofrer castigo*. O mesmo se aplica aos exemplos:

- (26) L1 – e:: então *se/logo* **começa** o frio e isso que é duro né? (t 70-B)
- (27) L2 – (...) *se você não passar* **ela encolhe** um lado... e então tem que passar pra esticar bem esticadinho (t 73-C)
- (28) L1 – (...) algumas preferem queimar um defumador... um incenso... para a limpeza do ambiente... calma... paz e tranqüilidade ali dentro... *se você fizer isso...* **você melhora** mais... (t 13-N)

O conteúdo semântico do morfema lexical dos verbos de processo, indicando mudança de estado ou condição do sujeito, sempre paciente de algo fora dele, corrobora o valor prospectivo do presente do indicativo nesse contexto futuro:

<u>processo</u>	<u>mod. tpo. n<sup>o</sup>. pes.</u>
/começ- /	/-a /
⇒	⇒

Esse vir-a-ser, implícito em sua natureza, demonstra que, comparativamente, são mais prospectivos que os de ação, possibilitando-nos inferir prospectividade sem as marcas temporais. Se retirarmos o adjun-

to adverbial *amanhã* de (7), temos (...) *olha que fi/ da puta... **ele me paga***, o que parece não afetar a noção de prospectividade. Mesmo sem o adjunto adverbial, ainda se tem a idéia de que o pagar será posterior, veiculada pela natureza semântica do morfema lexical processivo /pag-/ mais o morfema do presente do indicativo na terceira pessoa do singular /-a /, expressando a certeza/determinação presente do falante no que se refere à ocorrência da ação verbal.

Nas processivas a tendência para a terceira pessoa procede, visto ser característica delas falar de um acontecer em relação a um sujeito, que nem sempre é o locutor. Apesar dessa predileção, verbos de processo ocorrem em outras pessoas.<sup>19</sup> Veja-se o trecho de (29):

(29) L1 – (...) e ele gritava- “vai... vai... vai... senão morre”... (t 3-P)

Note-se que, nesse exemplo, a pessoa do discurso é a segunda, mas o verbo está na terceira gramatical, refletindo a neutralização entre *tu* e *você* existente no português falado. Raramente uma pessoa diria *tu vais* ou *tu morres*.

### **Verbos de estado**

Nas orações com verbos de **estado**, houve referência a todas as pessoas. Vejam-se os exemplos:

(30) L1 – (...) falei “vou... **fico** com a senhora” aí então... ela concordou de ir... (t 250-B)

(31) L3 – (...) *hoje não dá* (...) só se for *na parte da tarde... agora de manhã não dá* (t 25 e 27-J)

(32) L1 – (...) você acha que se eu for ali para umas nove hora... ali pras dez e quinze **está** pronto? (t 22-J)

Em (30), *ficar* na primeira pessoa significa *permanecer*. Em (31), *dar*, impessoal, quer dizer *ser possível*. Em ambos os casos, a forma do presente do indicativo evidencia certeza do falante. Já em (32), *estar*, na apódose condicionada, tem matiz de suposição.

Entretanto, a questão dos verbos de estado com referência ao futuro nos parece outra, ou seja, observando-se as orações dos exemplos acima e as dos que virão a seguir, nota-se que, embora estativas (os

<sup>19</sup> Veja-se um exemplo de verbo processivo na 1ª pessoa, extraído de Baleeiro (1988). (131) – Eu preciso dar uma (vacina) bem depressa, se não **pego eu**, que ainda não tive (caxumba) (Inq 22), p. 102.

verbos são de estado), apresentam dinamicidade, que não é característica desse tipo de verbo:

- (8) L2 – “(...) o que *quando ela **está** aí?*”... ele disse “no fim de semana”... (t 154-A)
- (33) L1 – já liguei pra ela... falou “ó *se for sozinha **tem** um lugar*” ... (t 36-E)
- (34) L1 – (...) *se eu não estiver aqui **eu estou** lá na minha casa... lá em cima... em frente o DAE* (t 111-M)

Por definição, tais verbos exprimem que algo se encontra num determinado estado, sem movimento algum, como: *A menina **fica** só o tempo todo*; *O sinal **está** vermelho*; ***Tem** um cachorro no quintal*. A ausência de movimento implícita no conteúdo semântico de *ficar*, *estar* e *ter*, nesse contexto, qualifica-os de estativos. No entanto, nas orações acima há movimento, revelando que, ao se falar de coisas futuras, os verbos de estado se *dinamizam na predicação*, indicando um vir-a-ser. No MF, ***eu estou** lá na minha casa* (34) dinamiza ***eu estou***, fortalecendo a gradação prospectiva do presente do indicativo, nesse contexto futuro:

<u>estado</u>	<u>mod. tpo</u>	<u>nº. pes.</u>
/ est- /	/-o/	/-u /
⇒	⇒	⇒

O mesmo se aplica aos demais exemplos. Em (33), *Ó se for sozinha **tem um lugar, tem***, impessoal, significando existir, dinamiza-se no momento da enunciação.

Ao se falar de coisas futuras, é possível notar graus diferentes dessa dinamização, em toda tipologia: *ação*, *processo* e *estado*. O verbo de ação exprime um fazer do sujeito, já os de processo e estado, um acontecer. Enquanto no de processo, o vir-a-ser se realiza a qualquer momento, no de estado, essa dinamização ocorre no MF (na predicação). Diante disso, respeitando-se a hierarquia da dinamicidade existente entre as várias caracterizações semânticas do verbo, pode-se dizer que o *t. vb* futuro é essencialmente dinâmico. Isso nos permite abarcar *ação*, *processo* e *estado* sob uma única denominação – *dinâmicos* – e sugerir o seguinte quadro, sintetizador do somatório de elementos que contribuem para a expressão temporal futura da forma presente do indicativo:

<u>Dinâmico</u>
Morf. Lexical + Morfs. mod., tpo., nº. pes. + Marcador temporal
⇒ ⇒ ⇒

A interação entre o morfema lexical conforme sua natureza semântica – dinâmicos (ação e processo) e dinamizados (estado) –, a flexão (morfemas de tempo, modo, número e pessoa) mais o marcador temporal (adjuntos adverbiais ou indicações contextuais e estruturais) contribuem para o desencadeamento do caráter prospectivo da forma presente do indicativo em contextos futuros, enfatizando a relevância do presente psicológico do falante por meio de matizes de *certeza*, *comprometimento*, *determinação*, *suposição*.

## Considerações finais

A “marca” principal da diferença entre o *presente futuro* e a *forma sintética /re/~/-ra/* “não-marcada” parece estar na *relevância do presente*. Em:

(7) *Então amanhã cedo eu ligo pra ela,*

comutando-se o verbo no *presente do indicativo* pelo *futuro do presente*, teríamos:

*Então amanhã cedo eu ligarei pra ela,*

no qual a desinência *-rei/* de primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo acopla-se ao radical */lig-/-a/* de ação, expressando um fazer por parte do sujeito. Todavia, em *-rei/*, há rompimento com o *presente do falante*, o que torna essa forma psicologicamente neutra, distante e imparcial (cf. Imbs, 1960). É até possível a avaliação e o conhecimento do estado de coisas como necessário ou altamente provável pelo falante, mas o que não se tem é a relevância do seu presente, a certeza, a determinação, tão bem expressas pela forma do presente do indicativo.

Apesar de Fleischman (1982) não ter explicitado, a situação discursiva é de extrema importância nesse somatório, pois define a escolha da forma futurizada ou não, ou seja, o desencadeamento do caráter prospectivo da forma *presente do indicativo* em contextos futuros, enfatizando a *relevância do presente* psicológico do falante, ocorre a partir da interação entre o valor semântico do radical verbal mais a flexão, segundo a situação discursiva, e o marcador temporal.

No que se refere ao polêmico PR, como ponto de vista temporal abstrato, poder-se-ia dizer que a própria natureza do vir-a-ser futuro faz que, aparentemente, esteja mais próximo do ME do que do MF.

Entretanto, pode-se afirmar que, na *forma futurizada* (*t. vb futuro relativo a um presente*), o PR está mais próximo do MF do que do evento. Daí a representação MF, PR – ME.

Muitas das conclusões a que chegamos não são definitivas. Requebrem estudo mais amplo da semântica temporal, de preferência com um *corpus* maior do que este, por meio do qual se possa analisar e testar as variáveis.

DA SILVA, A. The praesens pro futuro: a semantic and discursive question. *Alfa (São Paulo)*, v.42, p.151-168, 1998.

- **ABSTRACT:** *In a textual and discursive study of the verb tense, we demonstrate how the futurate form: praesens pro futuro occurs in the construction of the oral text in Brazilian Portuguese. On doing so, we observed its temporal and modal values as well as its context of occurrence. We stressed that the prospective value of the present tense, marked by the underlying notion: present relevance of the speaker, is triggered by the interaction found among the semantic value of verbal stem, the inflexion, according to discursive situation, and the temporal markers.*
- **KEYWORDS:** *Verb tense; oral communication; praesens pro futuro; present relevance; futurate form; verbs of action; process and state.*

## Referências bibliográficas

- BALEEIRO, M. I. A. *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*. Campinas, 1988. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- BINNICK, R. I *Time and the Verb – A Guide to Tense and Aspect*. New York: Oxford University Press, 1991.
- BORBA, F. S. et al. Critérios para identificação dos verbos de ação e de processo, de ação-processo e de estado. In: SEMINÁRIO DO GEL, 29, 1985. *Anais...* Bauru: FAFIL, p.1-10, 1985.
- CHAFE, W. L. *Significado e estrutura linguística*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1979.
- CLOSE, R. A. Some Observations on the Meaning and Function of Verb Phrases Having Future Reference. In: BALD, W., ILSO, R. (Ed.) *Studies in English*

- Usage: The Resources of a Present-Day English Corpus for Linguistic Analysis.* Frankfurt: Lang, 1977. p.125-56.
- COMRIE, B. *Tense.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica.* Brasília: Thesaurus, 1985.
- CUNHA, C., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DA SILVA, A. *A expressão da futuridade na língua falada.* Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- FÁVERO, L. L., KOCH, I. G. V. *Lingüística textual – Introdução.* São Paulo: Cortez, 1983.
- FLEISCHMAN, S. *The Future in Thought and Language.* Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUILLAUME, G. *Temps et verbe.* Paris: Champion, 1929.
- ILARI, R. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português – Notas de um projeto de pesquisa. In: *Estudos de filologia e lingüística.* São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1981. p.181-94.
- IMBS, P. L'emploi des temps verbaux en français moderne. In: *Bibliothèque Française et Romane, Series A, I.* Paris: Klincksieck, 1960.
- LEECH G. N. *Meaning and the English Verb.* London: Longman, 1971.
- LIMA, M. C. P. B. *A transitividade: contribuição para uma tipologia oracional.* Araraquara, 1985. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa.* Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic.* London: Collier-Macmillan, 1947.
- TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual discursivo do verbo no português do Brasil.* Campinas, 1991. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- WEINRICH, H. *Tempus: Besprochene und Erzählte Welt.* Stuttgart: Klett, 1964.